

# Editorial

General-de-Exército José Benedito de Barros Moreira

*Comandante e Diretor de Estudos da Escola Superior de Guerra*

Desde a implosão da União Soviética, vive o mundo uma fase de medos e incertezas, decorrente de um período de descontinuidade da história que, aparentemente, tão cedo não será vencido.

A descontinuidade é fruto de um movimento histórico subitamente rompido, sem que para isso os atores estejam antecipadamente preparados. Forças novas e antigas são postas em marcha, em nova correlação de poder. A fâcies do mundo modifica-se sob a homeostase de um processo influenciado por variáveis múltiplas, incertas e, quase sempre, surpreendentes. As conseqüências geopolíticas são também imprevisíveis, em um planeta cada vez menor, assombrado pelo fantasma da escassez de recursos.

O crescimento econômico da China e da Índia, com seus bilhões de habitantes, são o caldo de cultura que ora permeia toda a relação internacional entre os países, apimentada pela eclosão de um terrorismo transnacional que, mais do que um agente, é produto indesejado deste panorama caótico. O eixo geopolítico desloca-se progressivamente em direção ao oriente. O Atlântico de há muito perdeu a primazia que desfrutou desde que Colombo chegou ao Novo Mundo, feito magistralmente cantado por nosso grande vate CASTRO ALVES:

“Estatuário de colossos,  
Cansado de outros esboços  
Disse um dia JEOVÁ:  
Vai, Colombo, abre a cortina  
De minha eterna oficina,  
E tira a América de lá.”

À época áurea em que o Atlântico tornou-se o mare nostrum de ingleses e, após, dos americanos, sucede a era do Pacífico, o Grande Mar Amarelo, meca do fluxo de comércio mundial.

A inserção do Brasil neste quadro difuso passa preliminarmente pelo reordenamento interno das forças vivas da nação, ainda carentes de ser despertadas e organizadas, de forma a tornar este gigante sonolento em um parceiro respeitado no jogo de xadrez mundial. A latência subjacente, potência promessa de ato, deixa apenas lobrigar o futuro radioso que poderá ser o do nosso país.

A integração com a América do Sul, em todas as expressões do poder, em plano de igualdade política, isenta de falsas e ilusórias hegemonias, é o passo seguinte e natural. Mais do que isso: fundamental. A herança ibero-americana é comum. Nem a língua nos afasta. Tudo nos une. Se os países sul-americanos estiverem solidários nesse processo, serão vencidos os óbices à afirmação política e econômica, no contexto internacional, da grande península americana do sul.

Caso contrário, como meros espectadores, seremos vítimas passivas do processo, quintal de alguma potência; e terminaremos por sucumbir como expressão política por não havermos sabido encontrar a resposta ao desafio que estamos a enfrentar.

À ESG cabe estudar o destino do Brasil. Identificar óbices e ameaças. Propor soluções e políticas consentâneas com sua destinação legal. Formar quadros para o Ministério de Defesa; despertar em seus estagiários, civis e militares, a consciência dos grandes problemas nacionais e prepará-los para interagir e influenciar em suas esferas de atuação. Finalmente, cabe à ESG difundir as idéias aqui germinadas, para que possam frutificar e se tornar úteis.

A criação, no ano de 2005, da Comissão Editorial, teve como meta alcançar este último desiderato. E a Revista da Escola Superior de Guerra, que ora vem a público, é parte importante desse processo.